

[PARTE DAS] NOTAS SOBRE “O NORMAL E O PATOLÓGICO” DE G. CANGUILHEM (2008)

Acessado em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/n00006.htm>

Ver: <https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/docente/producao.jsf?siape=2312982>

Erik Fernando Miletta Martins
IEL - UNICAMP
marmieladov@gmail.com

A segunda parte da tese de doutorado em medicina, “Ensaio sobre alguns problemas relativos ao normal e o patológico”, de Georges Canguilhem (1904-1995) possui um título indagador: “Existem ciências do normal e do patológico?”. Sanar esta dúvida, ou melhor, problematizar e apontar algumas possíveis respostas é o objetivo deste capítulo inserido na tese, publicada em 1943, cujo objetivo básico é criticar as influências da tradição positivista [1], fundamentada conceitualmente por Auguste Comte nas ideias de Broussais, na medicina de seu tempo. Dentro desta técnica sua influência foi dar base científica à ideia de que fenômenos patológicos são apenas variações de intensidade de seus “correlatos” fisiológicos ou normais. Para atingir seu intento, nesta parte do trabalho o autor tenta entender melhor como a medicina estabelece seu conceito de normal, e por consequência o de patológico; ele busca explicar se é somente dentro da própria medicina que se dá este processo, endógeno, ou se ele é exógeno e normativo, recebendo as noções de fatos e coeficientes funcionais da fisiologia. (...)

(...) [Georges Canguilhem] não acreditava que a relação entre o normal e o patológico se dê através de variação quantitativa, da semântica do *hipo/hiper*, mas acredita que essa variação seja de ordem qualitativa, propondo o conceito de alteração que é necessariamente vinculado à noção de *homogeneidade* e de *continuidade*. É de suma importância entender que este segundo conceito não propõe uma coincidência, ou mesmo uma oposição, entre o normal e o patológico. (...) Canguilhem (1943,1995: 53), (...) indo de acordo com os trabalhos de Bernard, que, de fato, faz uma proposta de análise quantitativa [2], o autor vai contra o conceito de média que regulava as leis da fisiologia [3]. É só a partir dessas considerações que podemos entender melhor o que o autor define por normal, que só pode ser entendido no plano individual da normatividade biológica que aceita as leis naturais em estado patológico dentro do funcionamento do próprio organismo e é obrigatoriamente relacionada com o meio: “...um ser vivo é normal num determinado meio na medida que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder às exigências do meio...” (*Ibid*:113). É dessa relação essencial da vida com o meio, relação natural, que ele explica a necessidade do normal na consciência humana, necessidade anterior à própria consciência por ser fruto da relação do ser com meio; “em germe, na vida”. **A patologia então pode ser uma variação normativa da vida, mas não é regida pela mesma norma que a fisiologia, ou seja, ela deve ser relacionada à vida e não à saúde.**

Estabelecido o conceito de normal defendido pelo autor, podemos adentrar à questão inicial: como a medicina estabelece o que é normal? (...) [estão: na observação clínica; na terapêutica, que é o estudo dos métodos e procedimentos para tratar doenças; e, na fisiologia] (...) Na observação clínica, que é, ou deveria ser, o lugar de intermédio entre o sujeito doente e o médico; (...) abrindo a possibilidade de se entender o

normal para aquele indivíduo. (...) Na terapêutica, lugar onde esse “normal” se deseja restabelecer, onde o indivíduo pode voltar a ser normativo, para que então possamos enxergar de onde parte a noção empírica, por conseguinte axiológica, da doença em medicina. (...) Da fisiologia “...ciência das situações e condições biológicas consideradas normais.” (*Ibid*: 188), cuja função é atribuir valores de “normal” às constantes. (...) Canguilhem, apoiado em Bernard, critica o conceito de média, parâmetro do normal na fisiologia tradicional.

(...)

É importante também colocar esta tese no ponto de vista epistemológico, pois é uma obra que tem objetivos ambiciosos e gera dúvidas neste campo; afinal o autor está propondo uma verdadeira ruptura com as ideias(ideais) de ciência de sua época, o positivismo, ou está só refletindo o fim dessa tendência? Sua crítica aos métodos e conceitos das ciências naturais aplicadas no campo médico, como se pôde perceber, são fundamentadas numa releitura de diversos coetâneos. Creio que possa haver influências diretas de um movimento de crítica surgido dentro do próprio positivismo comteano, uma vez que Canguilhem cita e nem sempre combate diretamente as considerações do pai dessa filosofia, mas sempre questiona seus métodos, sua semiologia, sua teoria, fato nada incomum na História das Ciências. (...)

BIBLIOGRAFIA

(1943,1995) CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*, trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octavio Ferreira Barreto Leite. – 4a. Ed.- Rio de Janeiro, Forense Universitária.

(2002) MORATO, E. M. “As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)linguística à questão social” in *O direito à fala: a questão do preconceito linguístico*, Orgs. Fábio Lopes Silva e Heronides Maurílio de Melo Moura, 2a.ed. rev. Florianópolis: Insular.

(1999) PINTO, R,C.N. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*, Tese de Doutorado (UNICAMP-IEL), Campinas.

[1] Deve-se ampliar essa interpretação toda vez que temos contato com essa obra, pois devemos entender que, como aponta Morato (2002: 63) “a questão que envolve o problema normal X patológico tem a ver com o que Foucault chamou de “vontade de verdade” de uma época...”, é necessário portanto inseri-la dentro da tradição filosófica de seu tempo, e entendê-la como um dos clássicos da literatura da História das Ciências e da Epistemologia como um todo ao apontar os problemas da tradição realista(os problemas do ideal, do generalista, do perfeito) e dada a sua contribuição no aprofundamento sempre insuficiente das questões ontológicas da ciência ao tentar mostrar os problemas que uma classificação taxonômica, estanque e inevitavelmente superficial, acarreta no diagnóstico, na maior parte das vezes impreciso, das patologias.

[2] Ao contrário de Comte e Broussais, Bernard questiona o conceito de *média*, tanto no plano individual quanto no plano social. A ressalva do autor com relação a este consiste na ideia que ele trabalha sem pensar na polaridade da vida, uma vez que esta não é indiferente às condições que lhe são impostas.

[3] Uma ressalva importante; o autor, em dado momento aponta que não crê que o *homem médio* seja um “homem impossível”, mas explica que a fisiologia não se pode extrair a norma a partir dessa teorização.